

CRESS-PR em MOVIMENTO



CRESS PR
Conselho Regional de Serviço Social - 11ª Região

Gestão: Tempo de resistir: nenhum direito a menos! CRESS-PR 2017-2020

25 DE JULHO DIA NACIONAL DE TEREZA DE BENGUELA E DA MULHER NEGRA



A Mulher Negra no Brasil há séculos vêm sofrendo todo tipo de violência, discriminação, preconceito e exploração, decorrente do impacto causado pelas intersecções das desigualdades de gênero e raça, direitos sociais negados historicamente pela estrutura patriarcal, machista e escravista do país.

Pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que 53% da população brasileira é negra e parda, mais de 50% são mulheres e 50% mulheres negras. Mesmo representando metade da população feminina, a mulher negra ocupa o último lugar da escala social, apresenta o menor nível de escolaridade, trabalha mais e ganha menos, tem pouco acesso a leis trabalhistas, maior dificuldade ao matrimônio, é a que mais sofre com a violência doméstica e obstétrica, tem maior índice de desemprego, menos chances de contratação, pouca oportunidade de crescimento no mercado de trabalho e morre mais cedo. Portanto, a mulher negra está mais exposta à miséria, à pobreza, à violência, ao analfabetismo, à precariedade de atendimento nos serviços assistenciais, previdenciários, educacionais e de saúde, pelo simples fato de ser mulher e negra.

O Movimento das Mulheres Negras no Brasil, desde a década de 90, tem intensificado suas reivindicações junto ao governo, denunciando a violação de direitos deste público e exigido políticas públicas de Ações Afirmativas para amenizar tal desigualdade. O atual movimento, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese

das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negros e de mulheres do país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro. Contudo, o movimento das Mulheres Negras do Brasil trabalha para amenizar os limites e desafios encontrados na sociedade sexista e racista, ou seja, a luta pela desigualdade racial e gênero.

O dia 25 de julho a partir da Lei nº 12.987/2014, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, ficou conhecido como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. No século XVII ao lado de José Piolho, Tereza de Benguela liderou o quilombo do Quariterê, na primeira capital de Mato Grosso do Sul – Vila Bela da Santíssima Trindade. Com a morte do companheiro, Tereza se tornou a rainha do quilombo, e, sob sua liderança, a comunidade negra e indígena resistiu à escravidão por duas décadas, sobrevivendo até 1770, quando o quilombo foi destruído pelas forças de Luiz Pinto de Souza Coutinho e a população morta ou aprisionada.

Como forma de homenagear esta Guerreira e reconhecer a luta das mulheres negras no país, o estado brasileiro cria esta data, deixada como legado das reivindicações do Movimento Negro e da Mulher Negra. E cabe a nós, reverenciarmos, visibilizarmos a luta pela desigualdade de gênero e raça, como também, potencializarmos a emancipação da Mulher Negra no Brasil.

ALGUNS DADOS ATUAIS SOBRE A MULHER NEGRA NO BRASIL:

- 62% das vítimas de mortes por agressão no Brasil são mulheres negras (pesquisa “Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil”, FBSP e Instituto DataFolha).
- Também foram as principais vítimas em todas as questões relacionadas a assédio no espaço público – 43% delas relataram que foram assediadas na rua, transporte público ou ambiente de trabalho.
- No que se refere à renda, pesquisa do Ipea divulgada no ano passado revela que ganham menos de 40% da renda em comparação a homens brancos.

Estes dados, somados a outros tantos, revelam que a desigualdade tem sim gênero e cor e precisa ser fortemente combatida. E esta luta também é de cada uma e cada um de nós, Assistentes Sociais!



A MULHER NEGRA, JUVENTUDE E O SERVIÇO SOCIAL

A assistente social Alice de Souza Santos dá seu depoimento sobre o que é ser uma mulher negra em nossa sociedade e como o Serviço Social pode atuar na luta contra o machismo e o racismo.

Nós, mulheres negras, somos as que mais sofrem com o racismo e machismo na sociedade. A mulher negra é constantemente empurrada pela sociedade a um lugar inferior à mulher branca em vários aspectos desde o simbólico, estético, até o concreto. Nesse ponto os indicadores e pesquisas não deixam espaço para dúvidas: as mulheres negras estão em desvantagem em relação aos estudos, tem salários menores, são as maiores vítimas do desemprego e subempregos, sofrem violências das mais diversas formas. São objetificadas e hipersexualizadas pela mídia, entre outras coisas, são diversas as expressões da questão social que as mulheres negras vivenciam, pois as desigualdades e falta de oportunidades vivenciadas no período pós-escravocrata permanecem até os dias de hoje.

Na atual conjuntura de redução de direitos, de avanço do fascismo e do conservadorismo, onde discursos de ódio são disseminados e ações violentas são perpetradas todos os dias contra as populações vulneráveis, os direitos da população negra, em especial das mulheres negras, estão ameaçados.

Por isso, enquanto assistente social e mulher negra, ressalto o papel fundamental do Serviço Social para a luta e transformação dessa

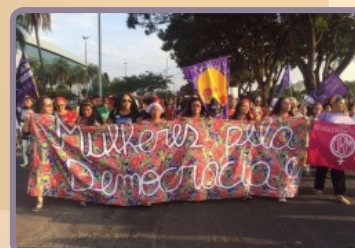
realidade. O código de ética da profissão tem como princípio o posicionamento em favor da equidade e justiça social assegurando a universalidade de acesso a bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais. Devemos:

- Defender políticas públicas que priorizem, oportunizem e facilitem o acesso das mulheres negras;
- Defender reformas estruturais, contra o machismo e racismo;
- Precisamos conhecer a realidade de perto, dar voz e protagonismo a essas mulheres, empoderando-as em todos os aspectos e, principalmente, sobre seus direitos;
- O trabalho social deve ser realizado com a mulher negra e estendido a sua família, para que as crianças aprendam a valorizar sua história e sua cultura;
- Devemos permanecer resistindo para assegurar os direitos que já conquistamos, ao mesmo tempo em que devemos lutar para a ampliação dos nossos direitos.

É uma questão de equidade e de justiça social!



A Assistente Social, Alice de Souza Santos (à direita), sua irmã e Deby Almeida, militante e estudante de Serviço social



VOCÊ SABE QUEM É DONA IVONE LARA?

O Serviço Social foi uma das primeiras profissões, assim como a enfermagem, consideradas “femininas”, constituída, especialmente por mulheres da classe média e alta, sob a influência da Igreja Católica para a formação de seu laicato, diante da origem da questão social.

Dona Ivone herdou o legado da resistência das mulheres negras, pelo samba, pela capoeira, danças e religiosidade de matriz africana, como relavam suas músicas, na luta histórica contra opressão:

“Lamento”

Canto do negro é o lamento
Na senzala do senhor...
Depois de duro trabalho
De maus-tratos e sofrimentos
Chibata comia toda a hora
Sem roupa, sem água e alimento...

“Sorriso Negro”

Um sorriso negro, um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego, fica sem sossego
Negro é a raiz da liberdade

Dona Ivone foi enfermeira, mas logo fez Serviço Social e trabalhou anos como assistente social na saúde mental, tendo iniciado um trabalho inovador com as famílias e pacientes, aliando cuidado e arte.

Arte, sensibilidade e humanização: marcas da pioneira do Serviço Social e do Samba brasileiro.

“Sonho meu”

Sonho meu, sonho meu
Vai buscar quem mora longe, sonho meu
Vai mostrar esta saudade, sonho meu
Com a sua liberdade, sonho meu
No meu céu a estrela-guia se perdeu
A madrugada fria só me traz melancolia
Sonho meu



Dona Ivone Lara

A primeira dama do samba brasileiro é uma das primeiras mulheres negras com curso superior e uma das primeiras assistentes sociais negras do Brasil. Atuou por 30 anos no Instituto de Psiquiatria do Engenho de dentro no Rio de Janeiro. Desenvolveu em conjunto com a médica psiquiatra Nise Silveira um trabalho que revolucionou o atendimento psiquiátrico no Brasil.



Participação de Dona Ivone Lara fazendo dueto com a cantora paulista em um medley com três de seus maiores sucessos.

Confira:

<https://youtu.be/nOMtgtVEAVw>

Conteúdo: Solange Gil de Azevedo, Assistente Social e Especialista em História da África e Cultura Afro-brasileira.

Colaboração: Alice de Souza Santos, Assistente Social na Defensoria Pública do Estado do Paraná .

Comissão de comunicação: Jucimeri Silveira, Tamíres Oliveira, Daniel Soares da Silva e Sintática Comunicação.